MAIO COMBATIVO

AUTOGESTÃO

ASSOCIAÇÃO DXS TRABALHADORXS BRASILEIRXS
A.T.B
LUKTU!

anarkio.net

fenikso@riseup.net

QUANDO PESSOAS OPRIMIDAS E EXPLORADAS
LUTAM UNIDAS NOS CAMPOS E NAS CIDADES!

CONHECE - ORGANIZA - EMANCIPA

EDITORIAL

Anarquia é uma palavra grega que significa literalmente “sem governo”, isto é, o estado de um povo sem uma autoridade constituída.

Antes que tal organização começasse a ser cogitada e desejada por toda uma classe de pensadores, ou se tornasse a meta de um movimento, que hoje é um dos fatores mais importantes do atual conflito social, a palavra “anarquia” foi usada universalmente para designar desordem e confusão.

Ainda hoje, é adotada neste sentido pelos ignorantes e pelos adversários interessados em distorcer a verdade. Não vamos entrar em discussões filológicas, porque a questão é histórica e não filológica.

A interpretação usual da palavra não exprime o verdadeiro significado etimológico, mas deriva dele. Tal interpretação se deve ao preconceito de que o governo é uma necessidade na organização da vida social. O homem, como todos os seres vivos, se adapta às condições em que vive e transmite , através de herança cultural, seus hábitos adquiridos. Portanto, por nascer e viver na escravidão, por ser descendente de escravos, quando começou a pensar, o homem acreditava que a escravidão era uma condição essencial à vida. A liberdade parecia impossível. Assim também o trabalhador foi forçado, por séculos, a depender da boa vontade do patrão para trabalhar, isto é, para obter pão. Acostumou-se a ter sua própria vida à disposição daqueles que possuíssem a terra e o capital. Passou a acreditar que seu senhor era aquele que lhe dava pão, e perguntava ingenuamente como viveria se não tivesse um patrão.

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido, sem religião, sem Estado.

Número 49 - Abril 2015. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes, sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Artista Anarquista, Danças das Idéias, ATB.
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 17

Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@anarkio.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

http://anarkio.net

-Creative Commons: Ioj rezervitaj rajtoj
-Atribuo: Vi citu ĉi tion aŭtoron:
Copyleft: Liberacana Barikado - 2015;
-Ne komerce uzo: Vi ne komercu tion verkon!;
-Oni partoprenas kun sama Permeso 3.0 Brazilo:
Por reprodukti, disvatigi, vi uzu egalan permeson;
-Vi vidu kompletan permeson:
http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/
http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/legalcode

A Igualdade Social não será obra da generosidade de ricos

Élisée Reclus

Extraído da obra A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista, lançada pela Editora Imaginário em 2002. O título é nosso. (retirado do blog http://www.coletivopaem.blogspot.com/ do coletivo PAEM de Dourados e lançado na BPI)

As boas almas esperam que, não obstante, tudo se arranjará, e que, em um dia de revolução pacífica, veremos os defensores do privilégio cederem de bom grado à pressão vinda de baixo.

É verdade, confiamos que eles cederão um dia, mas então o sentimento que os guiará não será certamente de origem espontânea: a apreensão do futuro e principalmente a percepção de "fatos consumados", portanto o caráter do irrevogável, impor-lhes-ão uma mudança de rumo; eles se modificarão, sem dúvida, mas quando houver para eles impossibilidade absoluta de continuar os erros seguidos. Esses tempos ainda estão distantes.

Faz parte da própria natureza das coisas que todo organismo funcione no sentido de seu desenvolvimento normal: ele pode parar, quebrar-se, mas não funcionar às avessas.

Toda autoridade procura crescer às expensas de um maior número de indivíduos; toda monarquia tende forçosamente a se tornar monarquia universal.

Para um Carlos V, que, refugiado em um convento, assiste de longe a tragicomédia dos povos, quantos outros soberanos cuja ambição de comandar nunca será satisfeita e que, exceto a glória e o gênio, são outros tantos Alexandres, Césares e Átilas? Assim também, os financista que, cansados de ganhar, dão todos os seus haveres a uma bela causa, são seres relativamente raros: mesmo aqueles que tivessem a sabedoria de moderar seus desejos não podem parar diante dessa fantasia: o meio no qual eles se encontram continua a trabalhar para eles; os capitais não cessam de reproduzir-se em rendimentos a juros compostos.

Tão logo um homem é investido de uma autoridade qualquer, sacerdotal, militar, administrativa ou financeira, sua tendência natural é usá-la, e sem controle; não existe carcereiro que não gire sua chave na fechadura com um sentimento glorioso de sua onipotência; não há guarda campestre que não vigie a propriedade dos senhores com olhares de ódio contra o ladrão de frutas; não há oficial de justiça que não sinta um soberbo desprezo pelo pobre diabo ao qual ele intima.

E se os indivíduos isolados já estão enamorados pela “parte de realeza” que imprudentemente se lhes distribuiu, muito mais ainda os corpos constituídos com tradições de poder hereditário e um ponto de honra coletivo!

Compreende-se que um indivíduo, submetido a uma influência particular, possa estar acessível à razão ou à bondade, e que, tocado por uma repentina piedade, abdique de seu poder ou entregue sua fortuna, feliz de reencontrar a paz e ser acolhido como um irmão por aqueles que outrora oprimia sem seu conhecimento ou inconscientemente; mas como esperar semelhante ato de toda uma casta de homens ligados, uns aos outros, por uma corrente de interesses, pelas ilusões e pelas convenções profissionais, pelas amizades e pelas cumplicidades, e até mesmo pelos crimes?

E quando as garras da hierarquia e o chamariz da promoção controlam o conjunto do corpo dirigente como uma massa compacta, que esperança se pode ter de vê-lo melhorar repentinamente; que benção poderia humanizar essa casta inimiga – exército, magistratura, clero?

É possível imaginar-se logicamente que um semelhante grupo

possa ter acessos de virtude coletiva e ceder a outras razões senão ao medo?

É uma máquina, viva, é verdade, e composta de engrenagens humanas; mas ela caminha à sua frente, como animada por uma força cega, e, para detê-la, será preciso nada menos que a força coletiva, insuperável, de uma revolução.

Admitindo, todavia, que os "bons ricos", tendo ingressado todos no "caminho de Damasco", fossem iluminados repentinamente por um astro resplandecente e fossem convertidos, renovados como por um raio, admitindo – o que nos parece impossível – que eles tivessem consciência de seu egoísmo passado e que, livrando-se apressadamente de sua fortuna em proveito daqueles que lesaram, devolvessem tudo e se apresentassem de mãos abertas na assembléia dos pobres dizendo-lhes: "Tomai!", se eles fizessem todas essas coisas, pois bem, ainda assim não seria feita justiça; eles conservariam o belo papel que não lhes pertence e a história os apresentaria de modo mentiroso.

Foi assim que bajuladores, interessados em louvar os pais para se servirem dos filhos, exaltaram em termos eloqüentes a noite de 4 de agosto, como se o momento em que os nobres abandonaram seus títulos e privilégios, já abolidos pelo povo, tivesse resumido todo o ideal da Revolução Francesa.

Se se envolve com essa auréola gloriosa um abandono fictício, consentido sob a pressão do fato consumado, o que não se diria de um abandono real e espontâneo da fortuna mal-adquirida pelos antigos exploradores? Seria temerário que a admiração e o reconhecimento públicos os reintegrasse no seu lugar usurpado. Não, é preciso, para que a justiça se faça, para que as coisas retomem seu equilíbrio natural, é preciso que os oprimidos se ergam por sua própria força, que os espoliados recuperem o que é seu, que os escravos reconquistem a liberdade. Eles só a obterão realmente depois de tê-la ganhado por intensa luta.

Ação direta

Isto é, qualquer tipo de ação que ultrapassa canais políticos estabelecidos para alcançar os objetivos diretamente – tem uma longa e rica herança na América do Norte, estendendo-se de volta para a Boston Tea Party (N.T: BTP é a designação dada a uma ação de protesto executada pelos colonos ingleses na América contra o governo britânico, no qual destruíram muitos caixotes de chá pertencentes à Companhia Britânica das Índias Orientais atirando-os às águas do Porto de Boston.) e além. Apesar disso, há muitos mal-entendidos sobre o assunto, em parte devido ao modo como tem sido deturpados na mídia corporativa.

1. AÇÃO DIRETA É TERRORISMO

Terrorismo é calculado para intimidar e, assim, paralisar as pessoas. A ação direta, por outro lado, pretende inspirar e, assim, motivar as pessoas, demonstrando o poder que os indivíduos têm para realizar os seus objetivos eles mesmos. Enquanto o terrorismo é o domínio de uma classe especializada, que visa a aquisição de energia por si só, a ação direta demonstra possibilidades que os outros podem fazer uso, capacitando as pessoas a assumir o controle de suas próprias vidas. No máximo, uma determinada ação direta pode obstruir as atividades de uma empresa ou instituição que os

ativistas consideram estar a cometer uma injustiça, mas isso é simplesmente uma forma de desobediência civil, não terrorismo.

2. AÇÃO DIRETA É VIOLENTO

Dizer que é violento destruir as máquinas de um matadouro ou quebrar janelas pertencentes a um partido que promove a guerra é priorizar a propriedade sobre a vida humana e animal. Esta objeção valida sutilmente a violência contra as criaturas vivas, concentrando toda a atenção sobre os direitos de propriedade e a mantendo longe de questões mais fundamentais.

3. AÇÃO DIRETA NÃO É EXPRESSÃO POLÍTICA, MAS ATIVIDADE CRIMINAL

Infelizmente, se uma ação é ilegal ou não é uma medida pobre de se é ou não é justa. As leis de Jim Crow eram, afinal, leis (N.T.: As leis de Jim Crow foram leis estaduais e locais decretadas nos estados sulistas e limítrofes nos Estados Unidos, em vigor entre 1876 e 1965, e que afetaram afro-americanos, asiáticos e outros grupos. As leis mais importantes exigiam que as escolas públicas e a maioria dos locais públicos (incluindo trens e ônibus) tivessem instalações separadas para brancos e negros.). Opor-se a uma ação alegando que é ilegal é contornar a questão mais importante de se é ou não é ética. Argumentar que devemos sempre obedecer as leis, mesmo quando consideramos que eles sejam antiéticas ou que impõe condições antiéticas, é sugerir que os pronunciamentos arbitrários do estabelecimento legal possuem uma autoridade moral maior do que nossas próprias consciências, e exigir cumplicidade frente à injustiça. Quando as leis protegem a injustiça, a atividade ilegal não é vício, e docilidade obediente à lei não é uma virtude.

4. AÇÃO DIRETA É DESNECESSÁRIA ONDE AS PESSOAS TEM LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Em uma sociedade dominada por uma mídia corporativa cada vez mais estreitamente focada, pode ser quase impossível de se

iniciar um diálogo público sobre um assunto a menos que algo ocorra que chame atenção para isso. Sob tais condições, a ação direta pode ser um meio de nutrir a liberdade de expressão, não esmagando-o. Da mesma forma, quando as pessoas que de outra forma se opõem a uma injustiça aceitaram que é inevitável, não é suficiente simplesmente falar sobre isso: deve-se demonstrar que é possível fazer algo sobre isso.

5. AÇÃO DIRETA É ALIENANTE

Pelo contrário, muitas pessoas que acham a política partidária tradicional alienante são inspiradas e motivadas pela ação direta. Diferentes pessoas encontram diferentes abordagens que as satisfaçam; um movimento que deve ser amplo deve incluir uma ampla gama de opções. Às vezes as pessoas que compartilham dos objetivos de quem pratica a ação direta, enquanto contesta, seus meios gastam todas as suas energias criticando uma ação que foi realizada. Ao fazer isso, eles arrancam a derrota das garras da vitória: eles fariam melhor se aproveitassem a oportunidade para concentrar toda a atenção sobre as questões levantadas pela ação.

6. PESSOAS QUE PRATICAM A AÇÃO DIRETA DEVEM TRABALHAR ATRAVÉS DOS CANAIS POLÍTICOS ESTABELECIDOS EM SEU LUGAR

Muitas pessoas que praticam a ação direta também trabalhar dentro do sistema. Um compromisso de fazer uso de todos os meios institucionais de resolução de problemas não exclui necessariamente um igual compromisso de pegar onde tais meios deixam de fora.

7. AÇÃO DIRETA É EXCLUSIVA

Algumas formas de ação direta não estão abertos a todos, mas isso não significa necessariamente que eles são sem valor. Todo mundo tem diferentes preferências e capacidades, e deve ser livre para agir de acordo com eles. A questão importante é a forma como

as diferentes abordagens de indivíduos e grupos que compartilham os mesmos objetivos de longo prazo podem ser integrados de tal forma que eles se complementem.

8. AÇÃO DIRETA É COVARDE

Esta acusação é quase sempre feita por aqueles que têm o privilégio de falar e agir em público sem temer repercussões: isto é, aqueles que têm o poder nesta sociedade, e aqueles que obedientemente aceitam seu poder. Se os heróis da Resistência Francesa demonstraram sua coragem e responsabilidade, agindo contra o exército de ocupação nazista em plena luz do dia, condenando-se assim a a derrota? Para essa matéria, em uma nação cada vez mais aterrorizada pela polícia e vigilância federal de quase todos, não é de admirar que aqueles que expressam a dissidência podem querer proteger a sua privacidade ao fazê-lo?

9. AÇÃO DIRETA É PRATICADA APENAS POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS/CRIANÇAS RICAS PRIVILEGIADAS/PESSOAS POBRES DESESPERADAS

Esta alegação é quase sempre feita sem referência a fatos concretos, como uma mancha. De fato, a ação direta é e tem sido praticada há tempos em uma variedade de formas por pessoas de todas as esferas da vida. A única possível exceção a isso seriam os membros das classes mais ricas e poderosas, que não têm necessidade de praticar qualquer tipo de ação ilegal ou controversa, pois, como se por coincidência, os canais políticos estabelecidos são perfeitamente adequados às suas necessidades.

10. AÇÃO DIRETA É O TRABALHO DE AGENTES PROVOCADORES

Esta é uma outra especulação geralmente feita a partir de uma certa distância, sem provas concretas. Alegar que a ação direta é sempre o trabalho de agentes provocadores da polícia é desempoderador: isto exclui a possibilidade de que os ativistas

poderiam fazer essas coisas em si, superestimando os poderes de inteligência policial e reforçando a ilusão de que o Estado é onipotente. Da mesma forma, preventivamente descarta o valor e a realidade de uma diversidade de táticas. Quando as pessoas se sentem no direito de fazer alegações infundadas de que cada tática que desaprovam é uma provocação da polícia, este obstrui a própria possibilidade de um diálogo construtivo sobre as táticas apropriadas.

11. AÇÃO DIRETA É PERIGOSO E PODE TER REPERCUSSÕES NEGATIVAS PARA OS OUTROS

A ação direta pode ser perigosa em um clima político repressivo, e é importante que aqueles que a praticam façam todos os esforços para não pôr em perigo os outros. Isso não é necessariamente uma oposição a ele, no entanto, ao contrário, quando ele se torna perigoso para agir fora dos canais políticos estabelecidos, torna-se ainda mais importante fazê-lo. As autoridades podem usar ações diretas como desculpas para aterrorizar inocentes, como Hitler fez quando o Reichstag foi incendiado, mas quem está no poder são os que devem responder pelas injustiças que cometem ao fazê-lo, e não aqueles que se opõem a eles. Da mesma forma, embora as pessoas que praticam a ação direta possam realmente correr riscos, diante de uma injustiça insuportável pode ser mais perigoso e irresponsável deixá-lo sem contestação.

12. AÇÃO DIRETA NUNCA CONSEGUE NADA

Cada movimento político eficaz ao longo da história, desde a luta pela jornada de oito horas até a luta pelo voto feminino, fez uso de alguma forma de ação direta. A ação direta pode complementar outras formas de atividade política em uma variedade de maneiras. Se nada mais, ele destaca a necessidade de reformas institucionais, dando aqueles que empurrar para eles mais fichas de negociação, mas ele pode ir além desse papel de apoio e sugerir a possibilidade de uma organização completamente diferente da vida humana, em

que o poder é distribuído de forma igual e todas as pessoas têm uma direta e igual opinião em todos os assuntos que lhes dizem respeito.

A Liberdade Segundo o Anarquismo

Por Coletivo de Estudos Anarquistas Domingos Passos

A luta do anarquismo é a luta pela liberdade, daí multiplicam-se diversos enfoques de luta (ecológica, sindical, gênero, classista, cultural, etc.), mas todas têm como motivo a ruptura com modelos e sistemas, tal como o capitalista e suas nuanças ditatoriais ou democrático liberais, que têm como base a ausência da liberdade e todas as nocivas conseqüências que advém de tal fato. Mas a liberdade, palavra tão repetida e banalizada em nossa sociedade, o que representa no Anarquismo? É importante desvelar por qual liberdade lutamos os anarquistas em oposição ao conceito burguês e consumista de liberdade. A principal diferença é que, de fato, não há liberdade enquanto existir estado, capitalismo e enquanto a sociedade em que se vive não for livre e sua totalidade.

A liberdade na sociedade de consumo como expressão da ideologia burguesa.

É comum o uso da palavra liberdade nos meios de comunicação e na mídia, mas seu valor está perfeitamente encaixado e previsto na cultura de massa. Desde a "liberdade que cabe no bolso", do cartão de crédito, passando por aquela de poder consumir um produto que está na moda, até o puro e simples consumo como ritual instituído em nossas vidas, o que há é o consenso de liberdade como algo associado unicamente às realizações pessoais provenientes daquilo que o dinheiro pode comprar. Somos educados a associar valores e

status a objetos e situações, e que o ato de consumir tais valores materializados ou viver determinadas situações fabricadas seria liberdade. É "livre" aquele que consegue aproximar-se das situações modelo estereotipadas apresentadas de forma massificada pelo sistema, situações representadas por ícones do que seria o indivíduo realizado que alcançou a "liberdade". "Livre" é aquele que não tem impedimentos no seu ritual de consumo, é a situação econômica que não restringe os "sonhos" a que somos amestrados a desejar.

É fácil observar que tal "liberdade" não passa de fantasia em uma existência entorpecida na sociedade capitalista. O sistema oferece opções, muitas opções, mas a escolha se restringe apenas a esse universo. O mercado determina o que consumir, mas com algumas variações que almejam os variados tipos de gostos, como em uma padronização diversificada. A individualidade não é respeitada, mas o discurso é individualista, personalizado, fazendo acreditar que foi feito para você, que você é diferente, colocando-o em um pedestal, criando-se "feudos culturais" onde pensamos ser "diferentes" mas somos todos padronizados, com os mesmos gostos, consumindo as mesmas coisas, rotulados. Acontece que somos naturalmente diferentes, mas somos educados a incorporar estereótipos, a nos projetar em símbolos, dividindo-nos em vários públicos consumidores. Na verdade nós somos o produto, moldados para consumir dentro de alguns dos vários segmentos de produção industrial.

A realidade em uma sociedade baseada na exploração não é agradável, é rotineira e desanimadora, o contrário ocorre nas fantasias da televisão e cinema, nos sonhos das propagandas, enfim, nos veículos utilizados para o convencimento do consumir, seja diretamente ou induzindo a projeção e identificação com comportamentos e modelos, os quais estão associados a certos produtos orbitais das idéias e valores que tais modelos carregam. Che Guevara é um exemplo, sua imagem e os valores agregados a mesma podem ser usados, e são, direta ou indiretamente na criação de necessidades de consumo de certos produtos agregados a mesma. Se a vida é ruim existe sempre a promessa de um ideal que anestesia e faz suportar o real, um mundo em que podemos ter "liberdade", em que podemos ser o que não somos.

A “liberdade” do consumo é um embuste porque é a liberdade individual daquele que pode gastar e satisfazer seus desejos, não importando se os outros podem fazer o mesmo. Como tal lógica pressupõe a desigualdade e a exploração para poder existir, então não há nenhuma liberdade havendo apenas a “liberdade” de alguns, pois um sistema de exploração, escravidão, domínio e desigualdade não permite a liberdade, nem de um que seja, mas sim a ilusão de “livre escolha” entre modelos já determinados, modelos esses que nunca vão contrariar, mas sim, devem contribuir para a manutenção e reprodução da ordem excludente.

A liberdade liberal burguesa

A liberdade liberal burguesa também é falsa, e assim como a ilusão de liberdade pelo consumo, faz nos crer que somos livres ao exercermos a chamada cidadania. Nessa lógica, a sociedade seria uma “máquina” cujas engrenagens precisam funcionar bem e ajustadas para o bom andamento da vida. O estado, as suas instituições e seus “especialistas” trabalhando em prol do social, cabendo ao povo apenas trabalhar e saber quando e onde deve opinar, e querem nos fazer crer que é liberdade o direito de aceitar toda essa degeneração. Ser livre é ter o direito de ser uma peça útil para o capital, deixando que a moral, a economia e a justiça sejam regulamentadas pelo estado. Só existimos enquanto cidadãos, produzindo, consumindo e prestando obediência às leis do estado.

“(...)A liberdade política significa que a “polis”, o Estado são livres; a liberdade religiosa, que a religião é livre; a liberdade de consciência, que a consciência é livre e não que eu seja livre do Estado, da religião e da consciência, ou que eu tenha me livrado disso tudo. Não se trata de minha liberdade, mas daquela de uma potência que me domina e me subjuga: um de meus tiranos – o Estado, a religião, a consciência – é livre, um desses tiranos que fazem de mim seu escravo, de tal modo que sua liberdade é minha escravidão.” (Stirner, Max Stirner e o Anarco Individualismo, pg50)

No liberalismo não há o rei ou senhor feudal, então há liberdade? Substituiu-se uma escravidão por outra, a de classe, a escravidão do capital sob as leis e a moral do estado. A liberdade aqui é “limitada

pela do outro", é como uma mercadoria, uma propriedade privada. O estado tem a liberdade de julgar, determinar, e possuir, afastando as decisões da responsabilidade das pessoas, que agora são apenas cidadãos e devem desempenhar seu papel como cidadãos, papel esse em que não cabe a decisão sobre seus destinos.

"Responder-se-á que o Estado, representante da salvação pública ou do interesse comum, só suprime uma parte da liberdade de cada um, para lhe assegurar tudo o resto. Mas este resto, é a segurança, se quiserem, mas nunca será a liberdade. A liberdade é indivisível: não se lhe pode suprimir uma parte sem a destruir por inteiro. Esta pequena parte que suprimem, é a própria essência da minha liberdade, é o todo. Por um motivo natural, necessário e irresistível, toda a minha liberdade se concentra precisamente nessa parte, por pequena que seja, que suprimem." (Bakunin, Conceito de Liberdade, pg.26)

Na democracia liberal burguesa, baseada na exploração e no lucro, a chamada "limitação da liberdade" é a ausência da mesma. Nascemos nesse sistema, não foi uma escolha, e aquele que o renuncia sofre todos os métodos de repressão, difamação e marginalização pelo estado para que não se torne um exemplo, já que seria muito perigoso para aquele que quer impor uma estrutura e um sistema sobre a sociedade haver elementos contestatórios dos mesmos.

A liberdade segundo o Anarquismo

A liberdade que busca o anarquismo vai de encontro a todas essas alienações e mentiras criadas, impostas, e reproduzidas pelo interesse privado burguês. Vai, mais além, contra toda forma de relação alienada e de domínio entre os seres humanos e contra as criaturas desse planeta, visto que o domínio pode dar-se fora do econômico.

Longe de ser limitante, a liberdade é a condição principal para o desenvolvimento das potencialidades individuais e humanas, o contrário das "castrações" que o sistema nos sujeita, onde temos que nos moldar e deformar dentro de modelos econômicos baseados em princípios discriminatórios, de lucro e ganância. Contra a

“liberdade” suicida liberal e de consumo, em que todos na sociedade somos inimigos e competidores em busca de efemeridades materiais, a liberdade Anarquista tem claro que “o homem só se torna homem e só chega à consciência e à realização de sua humanidade em sociedade e somente através da ação coletiva da sociedade inteira.” (Bakunin, textos Anarquistas, pg.46). E que “a liberdade não é, pois, um fato de isolamento, mas de reflexão mútua, não de exclusão, mas de ligação; a liberdade de todo indivíduo é entendida apenas como a reflexão sobre sua humanidade ou sobre seu direito humano na consciência de todos os homens livres, seus irmãos, seus semelhantes.”(idem, pg.47). Disso resulta que não se pode ser livre em uma sociedade de escravos, ser cidadão ou consumista não é ser livre visto que tais condições pressupõe um regime de exploração e desigualdade, e se há desigualdade, há dominação e conseqüentemente supressão da vontade. Aquele que nasce em uma sociedade desigual, vai ser educado para reproduzir e desigualdade e não a liberdade.

O estado diz que somos todos iguais, vivendo numa democracia, mas “diante do soberano supremo, o único digno de comandar, nós todos nos tínhamos tornado iguais, pessoas iguais, isto é, zero. Diante do proprietário supremo, tornamo-nos todos mendigos iguais.” (Stirner, O Anarquismo Individualista, pg.22) Porque “é nisso que consiste o tipo de educação e de cultura que pode me dar o Estado: ele faz de mim um instrumento utilizável, um membro útil da sociedade.” (idem). Conformar-se com o caos social e achar que teremos voz através dos meios ditos “legais” e “democráticos” do estado é a ilusão que o mesmo nos faz acreditar. Ser livre é ter igualdade de voz, ser reconhecido como alguém que tem opiniões e deve participar das decisões que vão interferir em sua vida e em seu meio, garantindo-lhe o que é necessário à vida, sem intermediações ou burocratismos, que têm por objetivo não representar, mas isolar, afastar o povo do poder. Acreditamos na “impossibilidade da liberdade política sem igualdade política. Impossibilidade desta, sem igualdade econômica e social.” (Bakunin, Textos Anarquistas, pg.68).

Lutamos para ouvir e sermos ouvidos, para decidir e ter responsabilidade sobre o que decidimos, para criar e viver seguindo

princípios por nós estipulados coletivamente, sem imposição ou dominação sobre outro, sempre conscientes daquilo que fazemos e seus resultados sobre a sociedade. Sem dogmas, leis ou julgamentos baseados em uma moral elitista e mistificada.

"A liberdade é o direito absoluto de todo homem ou mulher maiores de só procurar na própria consciência e na própria razão as sanções para seus atos, de determiná-los apenas por sua própria vontade e de, em conseqüência, serem responsáveis primeiramente perante si mesmos, depois, perante a sociedade da qual fazem parte, com a condição de que consintam livremente dela fazerem parte." (idem, pg.74).

Enfim, a liberdade pela qual luta o Anarquismo é a revolução, é a ruptura total com tudo aquilo que tem dominado e drenado nossas vidas e que hoje se entende por capitalismo.

Coletivo de Estudos Anarquistas Domingos Passos. Território Tamoio, setembro de 2003.

ANARQUISMO SOCIAL OU ANARQUISMO DE ESTILO DE VIDA: um abismo intransponível.

Murray Bookchin

AUTONOMIA INDIVIDUAL E LIBERDADE SOCIAL

Por cerca de dois séculos, o anarquismo – um corpo extremamente ecumênico de ideias antiautoritárias – desenvolveu-se na tensão entre duas tendências basicamente contraditórias: um comprometimento pessoal com a autonomia individual e um comprometimento coletivo com a liberdade social. Essas tendências nunca se harmonizaram na história do pensamento libertário. De fato, para muitos do século passado, elas simplesmente coexistiam dentro do anarquismo como uma crença minimalista de oposição ao Estado, ao invés de uma crença maximalista que articulasse o tipo de nova sociedade que tinha de ser criada em seu lugar.(...)

ANARCO-INDIVIDUALISMO

Com a emergência do anarco-sindicalismo e do anarco-comunismo nos fins do século XIX e início do século XX, a necessidade de se resolver a tensão entre as tendências individualista e coletivista tornou-se essencialmente obsoleta. O anarco-individualismo foi, em grande medida, marginalizado pelos movimentos operários socialistas de massa, dos quais muitos anarquistas consideravam-se a esquerda. Em uma época de violentos levantes sociais, marcada pelo surgimento de um

movimento de massas da classe trabalhadora que teve seu auge nos anos 1930 e na Revolução Espanhola, os anarco-sindicalistas e anarco-comunistas, não menos que os marxistas, consideravam o anarco-individualismo um exotismo pequeno-burguês. Eles não raro o atacavam, de maneira bastante direta, acusando-o de ser um capricho de classe-média, muito mais radicado no liberalismo do que no anarquismo.(...)

Raramente os anarco-individualistas exerceram influência sobre a nascente classe operária. Eles expressavam sua oposição de forma pessoal e peculiar, especialmente em panfletos inflamados, comportamentos abusivos, e estilos de vida extravagantes nos guetos culturais do fin de siècle de Nova York, Paris e Londres. Como uma crença, o anarquismo individualista permaneceu, em grande medida, um estilo de vida boêmio, mais evidente em suas reivindicações de liberdade sexual ("amor livre") e no fascínio pelas inovações na arte, no comportamento e nas vestimentas.(...)

Nos tradicionalmente individualistas e liberais Estados Unidos e Inglaterra, os anos 1990 estão transbordando de auto-intitulados anarquistas que – descontando a retórica radical exibicionista – vêm cultivando um anarco-individualismo moderno que chamarei de anarquismo de estilo de vida. Suas preocupações com o ego, sua unicidade e seus conceitos polimorfos de resistência vêm constantemente desgastando o caráter socialista da tradição libertária.(...)

ANARQUISMO DE ESTILO DE VIDA

Num sentido bastante concreto, eles [os anarquistas de estilo de vida] não são mais socialistas – defensores de uma sociedade libertária comunalmente orientada – e abstêm-se de qualquer comprometimento com um confronto social organizado e programaticamente coerente contra a ordem existente.(...)

Aventurismo ad hoc, ostentação pessoal, uma aversão à teoria estranhamente similar às tendências anti-racionais do pós-modernismo, celebrações de incoerência teórica (pluralismo), um compromisso basicamente apolítico e antiorganizacional com a imaginação, o desejo, o êxtase e um encantamento da vida cotidiana

intensamente voltado para si mesmo refletem o preço que a reação social cobrou do anarquismo euro-americano nas últimas duas décadas.(…)

O ego – mais precisamente sua encarnação em vários estilos de vida – tornou-se uma idéia fixa para muitos anarquistas pós-1960, que estão perdendo contato com a necessidade de uma oposição organizada, coletiva e programática à ordem social existente. “Protestos” sem firmeza, traquinagens sem objetivo, a afirmação dos próprios desejos, e uma “recolonização” muito pessoal da vida cotidiana, são um paralelo aos estilos de vida psicoterápicos, new age, auto-orientados de baby boomers entediados e membros da Geração X.(…)

O anarquismo de estilo de vida, assim como o individualista, aporta um desdém para com a teoria, de ascendências místicas e primitivistas geralmente muito vagas, intuitivas, e mesmo anti-racionais, analisadas friamente.(…)

Sua linha ideológica é basicamente liberal, fundamentada no mito do indivíduo completamente autônomo cujas reivindicações da própria soberania se valem de axiomáticos “direitos naturais”, “valores intrínsecos”, ou, em um nível mais sofisticado, do eu transcendental kantiano produtor de toda a realidade cognoscível. Essas tradicionais visões vêm à tona no “eu” ou no único (ego) de Max Stirner, que tem em comum com o existencialismo a tendência a absorver toda a realidade em si mesmo, como se o universo girasse em torno das escolhas do indivíduo auto-orientado.(…)

Ao negar as instituições e a democracia, o anarquismo de estilo de vida isola-se da realidade social para que assim possa esfumar-se com uma fútil raiva ainda maior, continuando, por meio disso, a ser uma travessura subcultural para ingênuos jovens e entediados consumidores de roupas pretas e pôsteres excitantes.(…)

O poder, que sempre existirá, pertencerá ou ao coletivo, em uma democracia cara-a-cara e claramente institucionalizada, ou aos egos de poucos oligarcas que produzirão uma “tirania das organizações sem estrutura”.(…)

O isolamento do anarquismo de estilo de vida e seus fundamentos individualistas devem ser considerados responsáveis por restringir o desenvolvimento do ingresso de um potencial

movimento libertário de esquerda numa esfera pública cada vez mais reduzida.(...)

A bandeira negra, que os revolucionários defensores do anarquismo social levantaram nas lutas insurrecionais na Ucrânia e Espanha, torna-se agora um "sarongue" da moda, para deleite de chiques pequeno-burgueses.(...)

UM TIPO DE ANARQUISMO DE ESTILO DE VIDA: A TAZ DE HAKIN BEY

A T.A.Z. é tão passageira, tão evanescente, tão inefável em contraste com o Estado e a burguesia formidavelmente estáveis que "assim que a T.A.Z. é nomeada (...) ela deve desaparecer, ela vai desaparecer (...) e brotará novamente em outro lugar". A T.A.Z., de fato, não é uma revolta, mas sim uma simulação, uma insurreição igualmente vivida na imaginação de um cérebro juvenil, uma retirada segura para a irrealidade. Entretanto, Bey declama: "Nós a recomendamos [a T.A.Z.], pois ela pode fornecer a qualidade do enlevamento, sem necessariamente [!] levar à violência e ao martírio". Mais precisamente, como um happening de Andy Warhol, a T.A.Z. é um evento passageiro, um orgasmo momentâneo, uma expressão fugaz da "força de vontade" que é, de fato, uma evidente impotência em sua capacidade de deixar qualquer marca na personalidade, subjetividade ou mesmo na auto-formação do indivíduo, e menos ainda em modificar eventos ou a realidade. (...)

A burguesia não tinha nada a temer com essas declamações de estilo de vida. Com a sua aversão pelas instituições, organizações de massa, sua orientação amplamente subcultural, sua decadência moral, sua celebração da transitoriedade e sua rejeição de programas, esse tipo de anarquismo narcisista é socialmente inócuo e, com freqüência, meramente uma válvula segura para o descontentamento com a ordem social dominante. Com Bey, o anarquismo de estilo de vida foge de toda militância social significativa e do firme compromisso com os projetos duradouros e criativos, quando se dissolve nas queixas, no niilismo pós-modernista e na confusão. O senso nietzschiano de superioridade elitista.

O preço que o anarquismo pagará se permitir que este absurdo substitua os ideais libertários de um período anterior será enorme. O anarquismo egocêntrico de Bey, com seu afastamento pós-modernista em direção à "autonomia" individual, às "experiências-limite" foucaultianas, e ao êxtase neo-situacionista, ameaça tornar a palavra anarquismo política e socialmente inocente – uma simples moda para o gozo dos pequenos burgueses de todas as idades.

ANARQUISMO SOCIAL

[Até hoje] os anarquistas não criaram nem um programa coerente, nem uma organização revolucionária para proporcionar uma direção ao descontentamento da massa que a sociedade contemporânea está criando.(…)

O anarquismo social, a meu ver, é feito de uma essência fundamentalmente diferente, herdeira da tradição iluminista, com a devida consideração aos seus limites e imperfeições. Dependendo de como se define a razão, o anarquismo social celebra a mente humana pensante sem, de forma alguma, negar a paixão, o êxtase, a imaginação, o divertimento e a arte. Contudo, ao invés de materializá-las em categorias nebulosas, ele tenta incorporá-las na vida cotidiana. O anarquismo social está comprometido com a racionalidade, embora se oponha à racionalização da experiência; com a tecnologia, embora se oponha à "mega-máquina"; com a institucionalização social, embora se oponha ao sistema de classes e à hierarquia; com uma política genuína, baseada na coordenação confederal de municipalidades ou comunas, pelo povo, com democracia direta cara-a-cara, embora se oponha ao parlamentarismo e ao Estado.

Essa "comuna das comunas", para utilizar um slogan tradicional das revoluções anteriores, pode ser indicada, de maneira apropriada, como sendo o comunalismo. No entanto, os oponentes da democracia como "sistema", ao contrário, descrevem a dimensão democrática do anarquismo como uma administração majoritária da esfera pública. Conseqüentemente, o comunalismo busca a liberdade, ao invés da autonomia, nesse senso que eu a contrapus.

Ele rompe categoricamente com o ego boêmio, liberal, psico-pessoal stirneriano, por este ser um soberano encerrado em si mesmo, afirmando que a individualidade não emerge ab novo, enfeitada no nascimento com “direitos naturais”, e vê a individualidade, em grande medida, como o trabalho em constante mudança do desenvolvimento social e histórico, um processo de autoformação que não pode ser petrificado pelo biologismo e nem preso por dogmas limitados temporariamente.(…)

A democracia não é antitética ao anarquismo; o critério de decisão pela maioria e as decisões não consensuais também não são incompatíveis com uma sociedade libertária.(…)

O aspecto mais criativo do anarquismo tradicional é o seu comprometimento com quatro princípios básicos: uma confederação de municipalidades descentralizadas, uma firme oposição ao estatismo, uma crença na democracia direta e um projeto de uma sociedade comunista libertária.(…)

Em resumo, o anarquismo social deve afirmar, resolutamente, suas diferenças com o anarquismo de estilo de vida. Se um movimento social anarquista não pode traduzir seus quatro princípios – confederalismo municipal, oposição ao estatismo, democracia direta e, finalmente, o comunismo libertário – em uma viva prática, em uma nova esfera pública; se esses princípios se enfraquecem como suas memórias de lutas passadas em declarações e encontros cerimoniais; pior ainda, se eles são subvertidos pela Indústria do Êxtase “libertária” e pelos teísmos asiáticos quietistas, então seu centro socialista revolucionário terá de ser restabelecido sob um novo nome.

Certamente, já não é mais possível, do meu ponto de vista, chamar alguém de anarquista sem adicionar um adjetivo qualificativo que o distinga dos anarquistas de estilo de vida. Minimamente, o anarquismo social está radicalmente em desacordo com o anarquismo que é focado no estilo de vida, a invocação neo-situacionista ao êxtase e a soberania do ego pequeno burguês que cada vez contrai-se mais. Os dois divergem completamente em seus princípios de definição – socialismo ou individualismo. Entre um corpo revolucionário comprometido de idéias e prática, por um lado, e o anseio vagabundo para o êxtase e a auto-realização privados de

outro, nada pode haver em comum. A mera oposição do Estado pode bem unir o lúmpem fascista com o lúmpem stirneriano, um fenômeno que não está sem seus precedentes históricos.

PERSPECTIVAS PREOCUPANTES

A menos que eu esteja gravemente errado – e espero estar – os objetivos sociais e revolucionários do anarquismo estão sofrendo um desgaste de longo alcance ao ponto em que a palavra anarquia se tornará parte do elegante vocabulário burguês do século XXI – desobediente, rebelde, despreocupado, mas deliciosamente inofensivo.

Tradução e seleção: Felipe Corrêa

OUTUBRO 2015

EXPRESSOES ANARQUISTAS

CAMPINAS - SP

PARTICIPE!

ente em contato para saber mais:

feniksо@riseup.net - exprana@riseup.net

anarkio.net

A Organização das Massas Operárias Contra o Governo e os Patrões

Errico Malatesta
1897

Nós já o repetimos: sem organização, livre ou imposta, não pode existir sociedade; sem organização consciente e desejada, não pode haver nem liberdade, nem garantia de que os interesses daqueles que vivem em sociedade sejam respeitados. E quem não se organiza, quem não procura a cooperação dos outros e não oferece a sua, em condições de reciprocidade e de solidariedade, põe-se necessariamente em estado de inferioridade e permanece uma engrenagem inconsciente no mecanismo social que outros acionam a seu modo, e em sua vantagem.

Os trabalhadores são explorados e oprimidos porque, estando desorganizados em tudo que concerne à proteção de seus interesses, são coagidos, pela fome ou pela violência brutal, a fazer o que os dominadores, em proveito dos quais a sociedade atual está organizada, querem.

Os trabalhadores se oferecem, eles próprios (enquanto soldado e capital), à força que os subjuga. Nunca poderão se emancipar enquanto não tiverem encontrado na união a força moral, a força

econômica e a força física que são necessárias para abater a força organizada dos opressores.

Houve anarquistas, e ainda há, que, ainda que reconhecendo a necessidade de organização na sociedade futura e a necessidade de se organizarem agora para a propaganda e para a ação, são hostis a qualquer organização que não tenha por objetivo direto a anarquia e não siga os métodos anarquistas. E alguns se afastaram de todas as associações de resistência existentes, consideraram quase uma defecção tentar organizar novas associações.

Para esses camaradas, todas as forças, organizadas em um objetivo que não fosse radicalmente revolucionário, seriam, talvez, subtraídas à revolução. Acreditamos, ao contrário, e a experiência já nos mostrou isso muito bem, que seu método condenaria o movimento anarquista a uma perpétua esterilidade.

Para se fazer propaganda é preciso estar no meio das pessoas. É nas associações operárias que o trabalhador encontra seus camaradas e, em princípio, aqueles que estão mais dispostos a compreender e a aceitar nossas idéias. E mesmo que se quisesse fazer intensa propaganda fora das associações, isto não poderia ter efeito sensível sobre a massa operária.

Excetuando um pequeno número de indivíduos mais instruídos e capazes de reflexões abstratas e de entusiasmos teóricos, o operário não pode chegar de uma só vez à anarquia. Para se tornar anarquista de modo sério, e não somente de nome, é preciso que comece a sentir a solidariedade que o une a seus camaradas, é preciso que aprenda a cooperar com os outros na defesa dos interesses comuns e que, lutando contra os patrões e capitalistas são parasitas inúteis e que os trabalhadores poderiam assumir a administração social. Quando compreende isso, o trabalhador é anarquista, mesmo que não carregue o nome.

Por outro lado, favorecer as organizações populares de todos os tipos é a conseqüência lógica de nossas idéias fundamentais e, assim, deveria fazer parte integrante de nosso programa.

Um partido autoritário, que visa controlar o povo para impor suas idéias, tem interesse em que o povo permaneça massa amorfa, incapaz de agir por si mesma e, conseqüentemente, sempre fácil de dominar. É lógico, portanto, que só deseje um certo nível de

organização, segundo a forma que ajude na tomada do poder: organização eleitoral se espera atingir seu objetivo pela via legal; organização militar se conta com a ação violenta.

Nós, anarquistas, não queremos emancipar o povo, queremos que o povo se emancipe. Nós não acreditamos no fato imposto, de cima, pela força; queremos que o novo modo de vida social saia das entranhas do povo e corresponda ao grau de desenvolvimento atingido pelos homens e possa progredir à medida que os homens avançam.

Desejamos, portanto, que todos os interesses e todas as opiniões encontrem, em uma organização consciente, a possibilidade de se colocar em evidência e influenciar a vida coletiva, na proporção de sua importância.

Nós assumimos como objetivo lutar contra a atual organização social e destruir os obstáculos que se opõem à realização de uma nova sociedade, onde a liberdade e o bem-estar estarão assegurados a todos. Para perseguir este objetivo, unimo-nos em partido e procuramos nos tornar os mais numerosos e os mais fortes possível. Mas os outros também estão organizados em partido.

Se os trabalhadores permanecessem isolados como tantas unidades indiferentes umas das outras, ligadas a uma cadeia comum; se nós mesmos não estivéssemos organizados com os trabalhadores enquanto trabalhadores, não poderíamos apenas nos impor... E então não seria o triunfo da anarquia, mas o nosso. E não poderíamos mais dizermo-nos anarquistas, seríamos simples governantes, incapazes de fazer o bem, como todos os governantes.

Fala-se com freqüência de revolução e acredita-se por esta palavra resolver todas as dificuldades. Mas o que deve ser, o que pode ser essa revolução à qual aspiramos?

Abater os poderes constituídos e declarar extinto o direito de propriedade é desejável: um partido pode fazê-lo além de suas forças, conte com a simpatia das massas e com uma suficiente preparação da opinião pública.

Todavia, e depois? A via social não admite interrupções.

Durante a revolução ou a insurreição, como queiram, e imediatamente após, é preciso comer, vestir, viajar, imprimir, tratar dos doentes etc., e estas coisas não se fazem por si mesmas. Hoje o

governo e os capitalistas as organizam para delas tirar proveito; quando eles tiverem sido abatidos, será preciso que os próprios operários o façam em proveito de todos, senão verão surgir, sob um nome ou outro, novos governantes e novos capitalistas.

E como os operários poderiam prover as necessidades urgentes se eles não estão agora habituados a se reunir e a discutir, juntos, os interesses comuns, e ainda não estão prontos, de certo modo, a aceitar a herança da velha sociedade?

Numa cidade onde os cerealistas e os donos de padarias tiverem perdido seus direitos de propriedade e, por conseguinte, o interesse em abastecer o mercado, será preciso, a partir do dia seguinte, encontrar nas padarias o pão necessário à alimentação do público. Quem pensará nisso se os empregados das padarias já não estiverem associados e prontos a trabalhar sem os patrões, e se, esperando a revolução, eles não tiverem pensado de antemão em calcular as necessidades da cidade e os meios de abastecê-la?

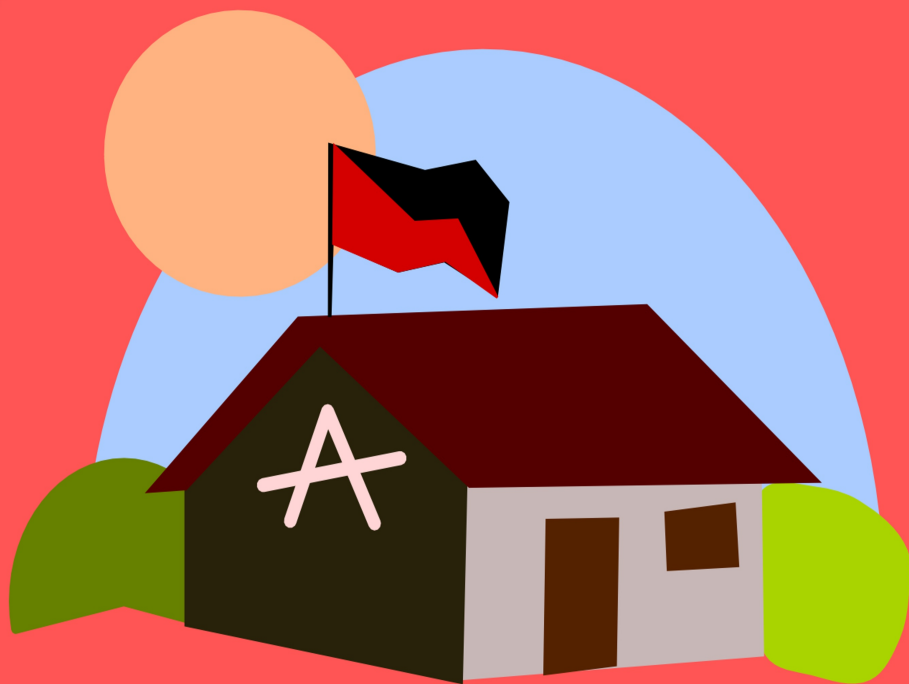
Todavia, nós não queremos dizer que para fazer a revolução seja preciso esperar que todos os operários estejam organizados. Seria impossível, tendo em vista as condições do proletariado, e felizmente não é necessário.

Mas é preciso que pelo menos haja núcleos em torno dos quais as massas possam reagrupar-se rapidamente, tão logo elas sejam liberadas do peso que as oprime.

Se é utopia querer fazer a revolução somente quando estivermos todos prontos e de acordo, é ainda mais utópico querer fazê-la sem nada e ninguém. É preciso uma medida em tudo.

Enquanto esperamos, trabalhemos para que as forças conscientes e organizadas do proletariado cresçam tanto quanto seja possível.

O resto virá por si só.

MAIO COMBATIVO
AUTOGESTÃO
anarkio.net
fenikso@riseup.net
NOSSA DEMANDA
Fim do imposto sindical e do sindicalismo profissional;
30h para todas pessoas trabalhadoras;
Distribuição das riquezas para todas pessoas;
Autogestão dos meios de produção e de distribuição;
ASSOCIAÇÃO DXS TRABALHADORXS BRASILEIRXS
A.T.B
LUKTU!
QUANDO PESSOAS OPRIMIDAS E EXPLORADAS
LUTAM UNIDAS NOS CAMPOS E NAS CIDADES!
CONHECE - ORGANIZA - EMANCIPA

Nossa casa Nossa luta!

Iniciativa por espaços sociais autonomos

sem partidos, sem patrões

sem religiões, sem Estado

anarkio.net – fenikso@riseup.net

Listas Libertárias

Fenikso Nigra <fenikso@lists.riseup.net>

fenikso-subscribe@lists.riseup.net

Expressões Anarquistas <expressoesanarquistas@lists.riseup.net>

expressoesanarquistas@lists.riseup.net

mais info: lobo@riseup.net